

A REVISTA



PRECURSORAS DO RIDICULISMO

No passado 15 de setembro, coincidindo com o 525º aniversário da chegada dos Reis Católicos a Santiago de Compostela, o coletivo ridiculista "Sei o que nos figestes" dava por fechados três anos de ativismo do que foi o último projeto de guerrilha da comunicação do movimento galego. Numha alargada reportagem repassamos a história de algumas das "precuroras", história que arrancámos em 1955 e desenvolvemos até os nossos dias.

CRIAÇOM

Maria Alonso Seisdedos é escritora e tradutora reconhecida. Mora física e profissionalmente na Raia e já nos obsequiara há tempo com um simbólico relato para este espaço de criação a golpe de pegadas literárias.

FESTIVAIS DE CINEMA

Correm maus tempos para o mundo da cultura, a falta de ajudas institucionais fam perigar qualquer projeto cultural. No mundo do cinema, este fator está a se converter num fator determinante. Os festivais de cinema, lugares de encontro para dar voz a filmes e realizadores menos convencionais, correm perigo pelas limitações económicas, às quais há que somar as mudanças de locais e regionais.

MEMÓRIA

No aniversário da morte de Joám Jesus Gonçalves

Carlos C. Varela

"Em Compostela soterraron a semente/ chamada Xohán Xesús González, porta/ dun futuro suntuoso e proletario"
(X.L. Méndez Ferrín,
Con pólvora e magnolias, 1976).

Nas primeiras décadas do passado século as ideias socialistas e independentistas começam a conjugar-se nas nações celtas do norte. Na Irlanda através de James Connolly, executado em 1916 na prisão de Kilmainham após a sua participação no Alçamento de Páscoa; na Escócia, John Maclean, cônsul soviético de Lenine em Glasgow, funda em 1923 o Partido Republicano dos Trabalhadores Escoceses, independentista e comunista, herdeiro da tradição do comunismo dos clãs celtas. Finou também jovem, aos 44 anos, com umha saúde mui deteriorada pola sua passagem pola prissom de Peterhead.

Cá, na Galiza, recordamos no passado 12 de setembro o assassinato fascista de Joám Jesus Gonçalves, um homem que ainda hoje nos inspira polas suas ideias avançadas e, sobretudo, pola sua

entrega pola causa da nossa Terra. Como Connolly e Maclean, nom entendia a independência nacional se nom ia da mao da emancipação socialista. Assim, no manifesto fundacional da Uniom Socialista Galega, advoga pola criação de um Estado Galego, e um socialismo adaptado às condições da Galiza, que "respeitará a pequena propriedade, que nom é tanta nem tam abundante, por desgraça, na nossa terra, como creem nom poucos sociólogos, entanto esta pode ser considerada como instrumento de trabalho". Asseguravam no mesmo documento que foi "a uniformidade rígida, dura e inflexível, do clássico socialismo espanhol e a sua estrutura centralizadora, afastada das novas correntes autonomistas espertadas nas velhas nacionalidades ibéricas", como o "ponto capital que nos insta a criar e formar Uniom Socialista Galega", que lutará pola Galiza "com olho vivo, o ouvido alerta, a arma ao braço". Militou, antes de fundar a USG, na Agrupação Nacionalista Independente de Compostela, com outros naciona-

listas de esquerdas, como Luís Seoane, ou Luís Tobio e Carvalho Calero.

No seu pensamento achamos todos os ingredientes do independentismo moderno. A crítica das pretensões de triunfar em Madrid: "o centro político, o lameiro onde naufragam as mais brilhantes iniciativas e o labirinto onde triunfam todas as ruindades"; a independência: "Temos umha liberdade que conquistar, umha Terra que fazer nossa e umha Pátria que independizar"; o afam revolucionário: "Em pé Campesinhos. Viva

Recordamos no passado 12 de setembro o assassinato fascista de Joám Jesus Gonçalves, um homem que ainda hoje nos inspira polas suas ideias avançadas e, sobretudo, pola sua entrega pola causa da nossa Terra

Galiza livre! Há que conquistar a liberdade da Galiza ainda que seja botando mao das jeiras ferintes da revolução"; o feminismo:

"Proclamados os direitos do homem com a revolução francesa, ficárom os direitos da mulher abandonados"; o lusismo: "Portugal irmã da Galiza: em língua, em raça, em limiar histórico, devera vir mais vezes à Galiza e nós devéramos ir muitas mais a Portugal. [...] Nom se devera compreender Portugal sem a Galiza nem esta sem aquela irmã tam afastada e tam perta". Ainda, no campo cultural destaca polo seu vanguardismo: cria com Arturo Cuadrado a livraria Niké, onde decidia o preço do livro quem o pagava; ou tem o mérito de ser o primeiro autor de um romance erótico galego.

Como Connolly, o fim da sua vida chegou-lhe de parte do inimigo. Sob as balas dos fascistas

espanhóis cai fuzilado nos muros do cemitério compostelano de Boisaca em 1936, após conformar com outros cinquenta companheiros o grupo de resistência O Terço de Calo, que armas em mao lutou contra o golpe franquista.





AS PRECURSORAS DO RIDICULISMO

No passado 15 de setembro, coincidindo com o 525º aniversário da chegada dos Reis Católicos a Santiago de Compostela, o coletivo ridiculista “Sei o que nos figestes” dava por fechados três anos de ativismo do que foi o último projeto de guerrilha da comunicação do movimento galego. Digeram adeus com o manifesto “Morre SQNF. Mas morre de rir”, e com a queima do Pendon dos Reis Católicos diante do homónimo “hostal” santiaguês. Foi o último mas nom o derradeiro. Repassaremos aqui a história de algumas das “precursoras” e animamos-vos a que nos recordedes as que esqueçamos.

Mauro C. B.

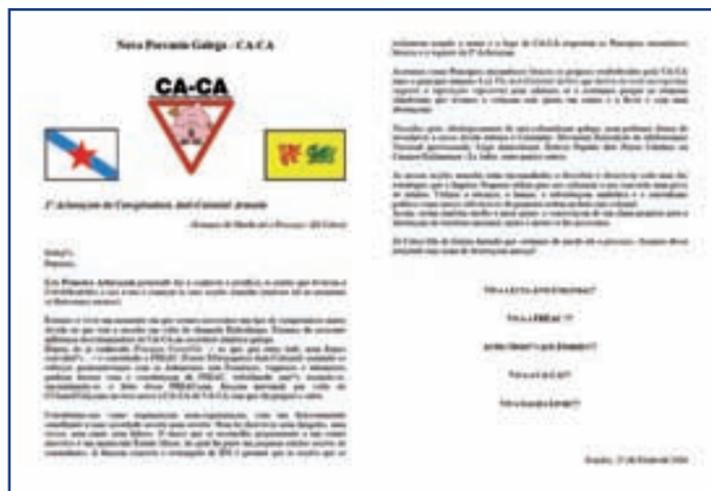
Em 1955, umha folha volante percorria as ruas da Corunha com umha legenda infame: “Hable bien. Sea Patriota – No sea Bárbaro. Es de cumplido caballero que Usted hable nuestro idioma oficial, o sea, el castellano. Es ser patriota. Viva España y la disciplina y nuestro idioma cervantino ¡¡Arriba España!!”. Era umha ação da guerrilha da comunicação promovida polo débil galeguismo da após-guerra para provocar umha pequena enurrada de indignação? Xesús Alonso Montero defende a teoria da falsidade do panfleto; porém, X. L. Méndez Ferrín assegura na introdução da edição fac-similada d’A Nosa Terra no exílio que o documento é verdadeiramente obra de franquistas. Luís Gonçalves Blasco ‘Foz’, quem nos pujo na pista certa, explica que tal ação de guerrilha da comunicação “desataria na altura indignação em Catalunha ou o País Basco, mas nom na Galiza”. Em todo o caso, é já um símbolo da repressom lingüística da nossa língua.

Décadas depois, em agosto de 1988, o Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive efetua a, quiçá, mais badalada ação da guerrilha da comunicação da Galiza. Em envelopes oficiais da Junta da Galiza, e com o carimbo da Conselharia da Educação e do Ordenamento Universitário, distribui as 71 páginas da sua primeira declaração sob um título nom menos significativo para um nacionalismo que tradicionalmente padeceu do culturalismo: “Nova Poesia Galega”.

Reintegracionismo e independentismo seriam o par que alimentariam mais estas estratégias humorísticas de construção nacional. Em 1995, vê a luz o remedo maquista *O livro vermelho do reintegracionismo: citações do presidente Não Lê-se Nom*, editado pola Assembleia Reintegracionista de Bonaval



Coluna Juan Argimiro, direção vanguardista do movimento estudantil na clandestinidade retranqueira



“Primeira Aclaração” da CA-CA (2004)



Aduaneiros sem Fronteiras fôrom as primeiras vítimas do movimento trás umha ameaça de Yolanda Castaño

(transmutada para a ocasiom em 'Bô-Não-Val') e a Amizade Lusofónica Galiza-Macau; pouco depois, o sucesso desta obra “ridiculista” do João Avelado – colaborador deste jornal – fai com que seja reeditada por Estudantes Independentistas

(EI). Por volta do ano 2000, esta aliança estudantil volta ao ataque, com a criação da Coluna Juan Argimiro, direção vanguardista do movimento estudantil na clandestinidade retranqueira. Dim os mais fieis seguidores que nem Hó Chi Minh nem

Argimiro morrerom e, por isso, cada ano nas compostelanas festas da Rua de Baixo volta em forma de DJ o galeguizado João Argimiro.

Faltava pouco para que o movimento retranqueiro atingisse a madurez política: isto é,

criar siglas próprias – deixando de ser um instrumento – e “cissons” indecifráveis. Assim, em 2002 o portal *galizalivre.org* acolhe no seu seio a organização Via Anti-Colonial Activa (VA-CA), que se apresentava com um formato que depois seguiria SQNF, com umha “Declaração de Outubro. Manifesto programático”, feito público no mesmíssimo 12 de Outubro. Ainda, a VA-CA tinha a virtude de ensaiar novas formas de organização da luta: “concebida como umha organização unificadora mas radicalmente descentralizada, que convoca e anima a luta e a resistência criativas,”. Entre as suas ações mais sucedidas conta-se a petição de voto para a galega Verónica Codesal que participava na Eurovisom sob bandeira belga e atingiu o segundo posto, a campanha “Nom com o nosso nome” para que se mudasse a denominação à fragata “Galicia” enviada por Espanha à guerra do Iraque, ou a reivindicação da hora nacional galega.

Como dizíamos, nom tardárom em multiplicar-se as siglas, e a 25 de julho de 2004 umha nova organização no movimento subversivo-esmorgueiro, através da parteira chamada Processo Canutilho, vê a luz: é a Frente Retranqueira Anti-Colonial (FREAC). Nela convivem os coletivos Aduaneiros sem Fronteiras e a VA-CA, emitindo comunicados conjuntos como o “Somos Galeg*s e Nom Nos Entendemos” em que se convidava ao movimento soberanista a “menos ‘rajar’ e mais dialogar”.

Para o 11 de setembro do mesmo ano, a Conspiradora Anti-Colonial Armada (CA-CA), surgia como “Um novo instrumento de propaganda para o ridiculismo retranqueiro em geral” que acatava “como Princípios axiomáticos básicos os próprios estabelecidos pola VA-CA”.

Em 2007, a repressom da polícia política interna cobra a primeira vítima do movimento: Yolanda Castaño ameaça com denunciar Aduaneiros sem Fronteiras pola famosa animação em que se podia vestir a poeta ao gosto, criticando o seu “câmbio de chaqueta” (isto é, mudança de camisa) ao passar de defender Isaac Díaz Pardo no conflito com Sargadelos a trabalhar com os seus inimigos.

Na altura, o ridiculismo é já umha arma que atingiu legitimidade em todo o movimento ou... quem nom recorda a calorosa saudação governamental que Rubén Cela envia à AMI num dos *Terra Livre*?



MÁS-LÍNGUAS

Raquel Rios

Ordes exhibe na rua as obras dos melhores criadores de graffiti do momento. Na vila corunhesa, decidiram converter os espaços vazios e deprimidos nos expositores de DesOrdes Criativas, um encontro com quatro anos de história que juntou no verão passado mais dumha dúzia de criadores de graffiti e designers gráficos de Ordes, Rianjo, Corunha, Vigo e mesmo Cidade Real.

Os participantes som criadores altruístas que jogam com o impacto visual captado polas câmaras de todo o tipo de meios de comunicação e com a transmissão de mensagens, a maior parte das vezes com um tom de crítica. Velaí o caso de “Más-línguas”, umha obra de Sokram, criador de graffiti e integrante do grupo de rap ordense Dios ke te crew.

Este graffiti representa as línguas venenosas que murmuram a vida da gente e invadem a privacidade das pessoas afogando a intimidade alheia. Os impulsores de DesOrdes Criativas, Mou e Sokram, destacam o auge que está a viver a arte urbana e a qualidade dos artistas que tornárom possível erguer um museu ao ar livre em Ordes.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar.

Escreve para literaria@novasgz.com.

Maria Alonso Seisdedos escreve de novo uma outra estranha situação comprometida: “Sopa de Legumes”. Maria escreve desde os bordes dos sentidos, nas linhas que desenham as fronteiras percebidas. Maria escreve do que vê e sente, reflecte ordenando os puzzles da memória ou as mensagens do contorno. As suas palavras, as frases precisas envolvem um mundo intocável, que se nos apresenta cru e afável. E aceitamos o natural das rarezas do mundo como se fossem nossas e explicáveis. Eis a magia da sua escrita.

Sopa de legumes

por Maria Seisdedos

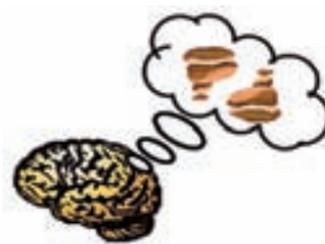
—As pedras crescem-lhe no cérebro por causa da estupidez.

Foi o que disse o médico e aquilo não lhe saía da cabeça enquanto comia a sopa. Que era inútil, assinalara, extirpar em cirurgias caríssimas as pedras, pois não desaparecendo a estupidez, elas voltariam a crescer como batatas em várzea suficientemente esterçada. Sorriera,

orgulhoso da metáfora que haveria de facilitar a compreensão da doença à paciente. Só que esta ignorava a importância do esterco na cultura da batata (ou de qualquer outro comestível vegetal, por acaso) e nunca pusera os pés, menos a enxada, em várzea alguma. Aliás, de hortaliças apenas sabia os preços porque gostava

muito de sopa de legumes.

—E depois, no hipotético caso de... Quer-se dizer, se —emendara-se, doutor também em singeleza— mãos peritas, acudindo-se dos instrumentos que a tecnologia clínica avançada proporciona, conseguissem cercear as pedras e esterilizar mediante algum produto químico de última geração a estupidez, o vazio viria a encher o oco interno do crânio, com consequências assaz previsíveis, como levitações, cólicas intestinais e diarreias, comichão generalizada, um exacerbado apetite sexual, visão telescópica e, mesmo, tonturas.



Interrompera-se aí o facultativo para melhor avaliar o sucesso da explicação e ela, simulando que percebera tudo, acenara um quase nada, não fossem as brusquidões estimular a prosperidade do pedregal que a estupidez semeava. Depois, numa letra praticamente

ilegível, prescreveu-lhe um genérico cujos princípios activos, resignação e paciência, tinham provada eficácia em transtornos similares, em supositórios, sublinhou, e aconselhou-lhe a introduzir um em cada orelha todas as noites antes do jantar. Aquilo também não lhe saía mais da cabeça. A sopa estava especialmente boa e os ingredientes ficaram bem triturados, mas custava-lhe a engolir, como se as pedras do cérebro tivessem espalhado os caules, as raízes ou sabe-se lá o quê (os tubérculos?) até ao esófago. Que estupidez, pensou, mas arrependeu-se logo de ter pensado isso.



LÍNGUA NACIONAL

Estações de comboio

Valentim R. Fajim

Comboio Vigo-Santiago. Um homem e umha mulher por volta dos 60 anos vam a conversar. Tinham subido em Vigo e acabaram por descer em Ponte Vedra. A conversa flui sobre o comboio e as diferentes estações da rede galega.

Ambos discursam num castelhana mui genuíno com umha ressalva. Quem fornece mais informações é o homem, que recolhe o seguinte hábito: quando se refere às estações citadinas (Vigo, Ponte Vedra, Santiago) usa o castelhana mas quando fala das paragens



mais pequenas (Guilharei ou Cesantes) recorre ao galego.

Para esta pessoa, e sabemos nom é um caso isolado, o dialeto de Burgos (diga-se castelhana) tem umhas associações e o da

Galiza tem outras. O esquema nom é mui diferente das cores do cabelo, o tipo de automóvel ou o celular (antigamente era mais o relógio).

Assim sendo, há paragens

mais interessantes do que outras mas tudo depende das pessoas que pegarem no comboio.

Há pessoas que nom descem em certas estações porque acham serem um problema e que deveriam ser eliminadas da linha porque som um atraso. Para outras pessoas, polo contrário, som a quinta essência que justifica a existência de toda a rede.

Há outro grupo a julgar que as estações devem ser conservadas como uma peça de museu: ver mas nom usar. Por fim, estão os que se sentem afortunadas porque o comboio leva-nos a lugares distantes que nom aparecem no mapa oficial. Como o vives tu?

CAMPA AUDIOVISUAL

Festivais de cinema: S.O.S.

Xurxo Chirro

Há umhas semanas soubom-se da supressom da Mostra de Valência e, anteriormente, houve umha séria ameaça de suspensom do Ponto de Vista, caso em que, finalmente, se optou pola soluçom de convertê-lo em bianual. Concretamente, o encontro de Pamplona passa por ser um dos melhores festivais a nível mundial dedicado ao cinema de nom-ficçom. Mas mesmo assim, apesar de ter consolidado em apenas sete edições – um bom fazer e um grande prestígio internacional, o Governo de Navarra nom duvida em condicioná-lo baixo o peso dos cortes orçamentais derivados da crise. As vozes de alerta sucederom-se porque todo o mundo se decatou de que pode ser umha inércia desastrosa para qualquer evento deste tipo.

Obviamente, correm maus tempos para o mundo da cultura, a falta de ajudas institucionais fam perigar qualquer projeto cultural. No mundo do cinema, este fator está a se converter num fator determinante. Nalgumhas fases da instituição cinematográfica, estes cortes podem ser benéficos, como na produçom que aposte

mais na potencialidade criativa mais do que pola disponibilidade de recursos. Mas onde sim é crítico, é na teórica vertente de distribuição e exibição dos filmes. A conceção tradicional do cinema está a mudar de forma constante e a deixar obsoleta a perspetiva comercial das salas de cinema. Como alternativa a este sistema, sempre estiverom os festivais de cinema como lugares de encontro para dar voz a filmes e realizadores menos convencionais, mas mesmo assim esta fórmula também se encontra em perigo.

Às limitações económicas há que somar as mudanças de governos tanto locais como regionais. Em muitos casos, os festivais devem-se a políticas culturais concretas que se descartam com a alternância de governos e a sua disparidade de prioridades. Isto se recrudescer com as dependências do acento pessoal dos festivais inferido pela presença de determinado diretor definindo muitíssimo (para bem ou para mal) o devir das mostras. A substituição destes “alma mater” implica um forte contratempo para a sua continuidade.

O frenesi tecnológico fai com que os festivais tenham certo lastro analógico porquanto som

umhas plataformas paralelas a umha maneira tradicional de contemplar o cinema. Mesmo assim, os festivais dam umha mais-valia, tornando-se as suas exibições em sessões-evento em que existe o valor acrescido dum contexto, da presença do realizador ou dum diálogo a posteriori. Este modelo também está caduco e na rede surgem festivais on-line como o de Filmin, Festival Scope ou Animacam, que reatualizam o conceito e abrem caminhos de futuro.

Por último, há que fazer referência ao panorama galego, que na vindoura época vai notar todas estas oscilações. Mais umha vez, Losa defenderá o modelo contrastado e de êxito que representa Cineuropa. O OUFF de Ourense tentará cobrir a baixa de Nicanor com a intervenção dumha gestora. Curto-circuito buscará o seu lugar como segunda opção dentro do Concelho de Santiago. Amal continuará na mesma linha tendo em conta a tranquilidade que lhe proporcionam os seus valedores. O Play-Doc recortará com a intenção de evitar os problemas da anterior edição. Cans continuará a redimensionar a anedota. O Cinema de Autor de Lugo continuará a jogar as cartas das localistas. A Mostra de Cinema e Ciência e o S8 irám pôr à prova a cinefilia e aos governantes da Corunha. Vila Garcia fará valer a sua história para sobreviver. E, por último, pequenos festivais como os de



Redondela, Sada e Bueu, continuarão a ser modelos para nutrir a escassez nessas localidades de oferta cinematográfica.

Um panorama cheio de diversidade mas que se encontra totalmente ao paio perante tanta inclemência. Neste ponto, conviria umha agilidade governamental, que, visto o acontecido até agora, nom teria precedentes, e tentar que o órgão responsável fizesse umha decidida aposta na normalização do setor tirando à

luz umha prístina convocatória de ajudas, assessorando as distintas equipas sobre a necessidade dumha planificação ajeitada, acorde aos recursos, priorizar as existências destes eventos à capacidade de atingir valores culturais, e certa função mediadora para atenuar decisões apressuradas por parte de instituições e entidades colaboradoras de se desvincularem deste tipo de projetos que levárom muitos anos e esforços erguê-los.